

Mineiros do GOM montam 'Vestido de Noiva' no Rio

PÁGINA 9



Negrosoousa revela o Brasil através das portas

PÁGINA 13



Morango em alta nos restaurantes cariocas

PÁGINA 15



## 2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

# Diversidade se faz presente

Festival Clássicos do Brasil reúne na Marina da Glória vasto panorama de nossa música, gastronomia e artesanato

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

O samba de Martinho da Vila já dizia da aquarela que temos no Brasil, com tantos sons, instrumentos, cânticos e arte. Desta sexta (20) até domingo o Festival Clássicos do Brasil vai reunir artistas de diferentes regiões do país na Marina da Glória, incluindo um centro de gastronomia brasileira e feira de artesanato.

A ideia é oferecer uma experiência regional dentro de um evento tão diverso quanto o país. Foi realizada uma pesquisa em torno da linguagem vernacular, aquela própria do Brasil, para criar cartazes e banners inspirados em comunicações de feiras e mercados.

Para celebrar a arte e cultura brasileiras, o cenário contempla as bandeiras dos Estados foram desconstruídas para criar uma cenografia colorida e alegre. O line up tem todos os nossos ritmos. Na sexta, é a vez de representatividade nordestina com Elba Ramalho, Geraldo Azevedo & Chico César, Alceu Valença e Nação Zumbi.

No sábado, quem abre a noite é o pernambucano Lenine, que se apresenta com a Orquestra Petrobras Sinfônica, e na sequência se apresentam a cantora mato-grossense

Vanessa da Mata, o carioca Paulinho Moska e o maranhense Zeca Baleiro. No domingo, dia 22, os artistas são todos cariocas: Mart'nália sobe ao palco com a Orquestra Petrobras Sinfônica, seguida de Jorge Aragão, Xande de Pilares e Sorriso Maroto.

Assim como o line-up e o cenário acontecem as feiras de artesanato e de gastronomia brasileira típica, com expositores de diferentes regiões, com itens de nichos variados, como vestuário, decoração e adereços, acessórios e bem-estar. A convite do festival, oito marcas independentes estarão reunidas para contar a história do Brasil por meio da arte e do artesanato. Responsável pela curadoria dos expositores, Histórias de Ialodê foi fundado por Ialodê Charmite, contadora de histórias e produtora cultural

“Para nós é fundamental democratizar o acesso à cultura africana em diáspora, disseminando a ancestral arte Griô de múltiplos saberes artísticos, culturais e literários, considerados como meios diversificados de contar uma história ao mundo. Com uma temática afrocentrada, mostramos a importância da representatividade africana na diáspora periférica carioca e nacional, fortalecendo a disseminação da cultura brasileira”, afirma a fundadora Ialodê Charmite.

O público também pode comprar itens dos povos originários e afrobrasileiros.

### SERVIÇO

CLÁSSICOS DO BRASIL

Marina da Glória (Av. Infante Dom Henrique, s/nº - Glória)  
20, 21 e 22/10,  
Ingressos: Lounge - R\$ 400 e R\$ 200 (meia); pista - R\$ 200 e R\$ 100 Meia)



Xande de Pilares é uma das atrações musicais do festival que vai até domingo

Washington Possato/Divulgação

## CORREIO CULTURAL

Ezio Philot/Diulgação



Paulo Lopez e Sabrina Korgut lideram o processo

## Petrópolis terá um novo teatro no fim do ano

Um dos espaços mais tradicionais de Petrópolis, o Teatro Santa Cecília, será reaberto ao público em 2023 com uma nova marca Teatro Imperial com inauguração prevista para o fim de 2023. O espaço está recebendo um intenso trabalho de revitalização, com objetivo de torná-lo confortável, seguro e acessível para todos os pú-

blicos, além de capacitá-lo tecnicamente a fim de atender aos mais diversos tipos de produções artísticas. O projeto de revitalização é uma iniciativa da Natureza Produções, que tem como sócios o gestor cultural Paulo Lopez e a atriz Sabrina Korgut, ambos com grande experiência no setor artístico-cultural.

### Mudanças

A Netflix decidiu encerrar, a partir da semana que vem, seu plano básico no Brasil e em países como Alemanha, México, Espanha e Japão. Modalidade mais barata da plataforma, a assinatura custa R\$ 25,90 e dá direito ao uso de um aparelho por vez.

### Bloco na rua

A Globo decidiu fazer mudanças profundas na transmissão dos desfiles das escolas de samba do Rio. Maju Coutinho deixará de apresentar o evento junto com Alex Escobar. Karine Alves, apresentadora esportiva, assume o posto.

### Acusação

A música "Magia Amarela", lançada por Juliette e Luisa Sonza, pode ser um plágio de "AmarElo", de Emicida. Quem faz a acusação é o produtor e compositor Evandro Fióti, irmão do rapper, que recorreu às redes sociais para reclamar.

### 'Bolo' saiu caro

Nego do Borel foi condenado a pagar uma indenização no valor de quase R\$ 150 mil por não comparecer a uma festa de 15 anos realizada no Copacabana Palace em novembro de 2019. O cantor seria a atração principal na festa.

# A vida presta com Leo Jaime

Cantor e compositor celebra 40 anos de carreira lembrando seus grandes sucessos no Qualistage

**U**m das figuras mais carismáticas do rock brasileiro, está celebrando 40 anos de carreira. Leo Jaime sobe aos palcos do Brasil para comemorar sua rica trajetória iniciada com a icônica banda João Penca e Seus Miquinhos Amestrados e que inclui atuações como ator e marcantes participações na TV na Dança dos Famosos.

A festa chega ao Qualistage, na Barra da Tijuca, neste sábado (21), a partir das 21h, com a presença dos velhos camaradas Eduardo Dussek e a turma dos Miquinhos Amestrados.

Será um show com muito rock'n'roll, como Leo gosta. Um show para unir gerações, dos eternos fãs roqueiros ao público dos filmes, TV e teatro ("Malhação", "Rock estrela", "Papo de segunda", "Era no tempo do rei"...), passando por leitores e admiradores de Leo Jaime.

Depois de lotar casas pelo Brasil nos últimos anos com espetáculos como "#Desplugado", "Dance Comigo" e com parcerias com os velhos amigos Blitz e Leoni, agora a estrela é o autor de "Rock Estrela". No fim das contas, a vida presta.

Pois o multi-Leo sobe aos palcos lembrando sucessos como "A Vida Não Presta", "Bambolé", "O Pobre", "Gatinha Manhosa", "A Fórmula do Amor" e muitos outros. Além das composições do próprio Leo e de suas famosas versões ("Solange", "Sônia"), que ninguém se assuste se surgirem citações de nomes como



Leo Jaime receberá o velho amigo Eduardo Dussek e a turma dos Miquinhos Amestrados

Rolling Stones, Nirvana e Cream no meio das canções.

Leonardo Jaime, nascido em Goiânia em 1960, mas logo convertido em carioca (e rubro-negro!), a ponto de ter ensaiado com uns rapazes roqueiros no Rio Comprido, lá no início da década de 1980, e não se sentindo tão à vontade com o rockão clássico do quarteto, indicar um amigo ao posto, apresentando assim Cazuzza ao Barão Vermelho. Antes disso, Leo já tinha integrado a banda Nota Vermelha, em que dividia os vocais com uma bailarina chamada Fernanda Abreu.

Com o topete em plena forma, Leo integrava, à época, o grupo João Penca e Seus Miquinhos Amestrados, ao lado de amigos como Selvagem Big Abreu, Avellar Love e Bob Gallo. Foram dias de muita diversão e rockabilly, mas Leo queria mais, e logo partiu para sua pró-

pria carreira, com discos clássicos como "Phodas C" (a estreia, em 1983, que completa 40 anos em 2023), "Sessão da Tarde" (1985) e "Avenida das desilusões" (1989).

Em 1995, com "Todo Amor", em que grava Caetano Veloso, Lulu Santos, Djavan e Cazuzza, Leo reafirma seu caráter camaleônico. As aulas de balé de Leo são um sucesso em suas redes sociais (são mais de 500 mil seguidores no Instagram e 1 milhão no X, assim como foi sua série "Uma por dia", em que interpretava seus sucessos ao violão durante o isolamento.

### SERVIÇO

LEO JAIME - 40 ANOS  
Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca)  
21/10, às 21h30  
Ingressos a partir de R\$ 140

# Noite de **improvisos** na Lapa

Soprista Carlos Malta e cantor Matu Miranda se apresentam nesta sexta na Casa Tao

O renomado multi-instrumentista Carlos Malta e o virtuoso cantor Matu Miranda se unem em um evento exclusivo, nesta sexta-feira, às 19h, para um concerto improvisado, sem um repertório definido. Inspirados pela música modal e pela tradição ancestral da música oriental, eles exploram a arte da improvisação livre.

Nesta jornada sonora, Malta e Matu criam um contexto favorável à introspecção e à contem-



Divulgação

plação, que é amplificado pelo ambiente acolhedor e intimista da Casa TAO.

O diálogo musical entre os dois artistas se desdobra organicamen-

te, com cada nota e frase musical emergindo espontaneamente no momento presente, em um fluxo contínuo de criatividade e expressão.

Para elevar ainda mais a atmo-

sfera hipnótica, o talentoso percussionista Fofó Black se junta a eles, tecendo ritmos que impulsionam a experiência a novas alturas emocionais e sensoriais.



Divulgação

**Carlos Malta viaja pela sonoridade da música oriental com o cantor Matu Miranda**

O concerto promete uma experiência musical que mergulha na meditação, no transe e na contemplação, celebrando a riqueza da música sem fronteiras.

## SERVIÇO

CARLOS MALTA E MATU MIRANDA

Casa Tao Brasil (Rua Joaquim Silva, 77 - Lapa) | 20/10, às 19h  
Reserva via pix - R\$ 40 na chave (21) 98858-8700

## ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



### Recital na Lagoa

Neste sábado (21), às 17h, a Casa Museu Eva Klabin em parceria com o projeto Música no Museu realiza o recital da pianista Lícia Lucas. A artista interpretará clássicos internacionais de Baldassare Galuppi, Johannes Brahms, Louis Moreau Gottschalk e do compositor e maestro brasileiro Heitor Villa-Lobos. Conhecida como “a dama do piano”, Lícia já se apresentou junto a mais de 40 orquestras sinfônicas da Europa, EUA e América Latina.

Nélia Lima/Divulgação



### Coral no Arte Sesc

Com 16 anos de tradição, o Coral do Flamengo lidera o encontro com mais três grupos vocais neste sábado (21), às 19h, no auditório do Arte Sesc, no Flamengo, dentro da série Música no Museu. Os grupos Mater Nostra, Clave de Sol e Ramatis completam a escalção dos quatro corais que dividem o palco em diversas formações – inclusive com todos juntos no final, quando chegam a somar cerca de 60 cantores.

Divulgação



### Sambas de Chico

A cantora Verônica Sabino e o violonista Luis Filipe de Lima repetem parceria de sucesso do álbum “Meu lairaiá – as canções de Martinho da Vila” e estreiam show para celebrar o universo musical de Chico Buarque, com foco em seus sambas, e com participação especial do percussionista Marcos Suzano. O espetáculo “Eu Faço Samba e Amor” será no Teatro Rival nesta sexta-feira (20), a partir das 19h30.

Divulgação



### Novos tempos

Zezé Di Camargo e Luciano apresentam nesta sexta-feira (20), às 21h30, no Qualistage, o show da turnê “Novos Tempos”. Lá se vão pouco mais de três décadas que os filhos de Francisco emplacaram seu primeiro sucesso, justamete “Novos Tempos”. De lá pra cá, a canção composta por Zezé acumula mais de 70 regravações, incluindo intérpretes que a lançaram em hebraico e russo, somando mais de 1 bilhão de execuções no mundo.

# ‘Meu Guri’ antecipa álbum de Chico ao vivo

Turnê ‘Que tal um Samba?’, com Mônica Salmaso, ganha disco que será lançado em novembro

**N**esta sexta-feira (20), chega às plataformas digitais a versão ao vivo de “Meu Guri”, primeiro registro da turnê “Que tal um Samba?”, de Chico Buarque com participação de Mônica Salmaso. Arranjo e produção musical: Luiz Cláudio Ramos, a faixa foi gravado ao vivo no Vivo Rio nos dias 3 e 4 de fevereiro, sendo mixada e masterizada por Lucas Ariel no estúdio Biscoito Fino.

O single anuncia a chegada do álbum duplo com o registro integral do espetáculo, que revisitou quase seis décadas do cancionário do compositor.

Desde a célebre temporada com Maria Bethânia (que deu origem ao álbum Chico Buarque & Maria Bethânia ao vivo, de 1975), Chico não dividia o palco com uma cantora. Ao todo, foram 60 shows de Chico e Mônica no Brasil e cinco em Portugal.



Chico e Mônica Salmaso durante show no Vivo Rio em fevereiro

Em “Meu Guri”, Salmaso e Bia Paes Leme (voz e teclado) acompanham Chico Buarque no coro da nova versão da canção lançada no álbum “Almanaque”, de 1981.

Também participam da interpretação de “Meu Guri” Luiz Cláudio Ramos (violão), João Rebouças (piano e cavaquinho),

Jorge Helder (contrabaixo), Bia Paes Leme (teclado e coro), Marcelo Bernardes (flauta e sax), Jurim Moreira (bateria) e Chico Batera (percussão).

O álbum “Que tal um samba? Ao Vivo”, que a Biscoito Fino lança em 24 de novembro nas plataformas digitais, em CD duplo e

também no Youtube, foi gravado nas apresentações de 2 e 3 de fevereiro, no Vivo Rio (RJ), e reúne registros ao vivo de sambas e canções como “Sem Fantasia” (1968), “Paratodos” (1993), “O velho Francisco” (1987), “Siná” (2011), “Choro bandido” (1985) e “Biscate” (1993).

## CRÍTICA / DISCO / JONGO DO VALE DO CAFÉ

# O pai do samba carioca

Por Aquiles Rique Reis\*

Hoje vamos de um álbum histórico, Jongo do Vale do Café (independente), um verdadeiro documento de referência. Originário de Angola, o jongo veio para o Rio com os escravos, trazidos para o trabalho forçado nas senzalas do Vale do Café, às margens do rio Paraíba do Sul.

Penso: o ponto do jongo é o reflexo do sentimento libertário de um contingente de inconformados com a condição de escravos a que foram submetidos por senhores feudais, que os condenaram ao desterro e à humilhação.

O disco, uma realização de Marcos André, cantor e dançarino que ingressou no Jongo da Serrinha em 1995 a convite do mestre Darcy do Jongo, reúne mais de 40 cantantes e percussionistas.

Para a gravação, juntaram-se dois quilombos centenários, o Jongo do Quilombo São José e o Jongo de Pinheiral, comunidades que se uniram aos novos jongueiros do Morro da Serrinha, em Madureira. Nasceu um CD totalmente dedicado ao gênero musical que está no cerne da música brasileira.

Registrado em apenas uma semana, num estúdio montado ao ar livre no meio de uma floresta localizada numa comunidade quilombola, o disco é uma obra precisa e definitiva sobre o jongo. Com 32 pontos seculares, toda a ancestralidade jongueira foi, então, registrada ali pela primeira vez.

As mulheres entoam a maioria dos pontos. Suas cantorias vêm envoltas pelo toque do caxam-



Divulgação

bu e do candongueiro, tambores centenários escavados num tronco, como os talhados em Angola. Somente em um dos pontos ouve-se um cavaquinho, de resto é o som mântico das vozes e da pele dos tambores que soam como um gozo silente, delicado e encandecido pelo ardor – belo, mas sofrido como uma dor de dente.

Bem, eis aqui um disco que

merece ser ouvido por quem precisa saber de si e de sua história. Aula civilizatória ao alcance de quem quiser se banhar em Brasil.

Acessem uma das inúmeras plataformas musicais e, por favor, ouçam as 27 faixas de Jongo do Vale do Café. Ao ver que estão impregnados de uma ancestralidade poderosa que lhes tirará do prumo e os enlevará, deixem-se arrepiar. Permitam-se emocionar com o que ouvirem. Sim! Nós somos parte da história dessa cultura milenar.

### FICHA TÉCNICA

Realização, pesquisa e direção artística: Marcos André; produção: Rede de Jongo do Vale do Café; direção musical: Marcos André e Thiago da Serrinha; engenheiro de som

e gravação: Philippe Ingrand (Doudou do Som); mixagem: Doudou do Som e Marcos André; masterização: em maio de 2023 na Califórnia por Ken Lee Mastering.

Voices: Jongo de Pinheiral: mestras Fatinha, Meméia e Gracinha, Cintian e Dede; Jongo do Quilombo São José: Mãe Tete, Seu Jorge, Pádua, Gilmar, Luzia, Luciene, Carmen, Jorgina, Santinha e Lucia Helena; Jongo da Serrinha: Rodrigo Nunes, Marcos André, Babalorixá Dário de Ossain, Thiago da Serrinha, Nina Rosa, Hamilton Fofão e Joyce Ellen. Tambores: Pádua, Jorjão, Anderson Vilmar, Thiago da Serrinha, Geovane, Valdeci, Vitor e João. Cavaquinho: Hamilton Fofão.

\*Vocalista do MPB4 e escritor

# CINE SESC

## HORROR, SUSPENSE E AVENTURA NO CINEMA BRASILEIRO

A mostra apresenta cinco longas-metragens brasileiros que se aventuram pelos elementos do horror e do suspense. Ao mergulharmos em cada filme, somos colocados diante de narrativas que se utilizam dos mais diversos códigos do gênero para afetar o seu espectador.

**DE 1º A 31 DE OUTUBRO**



12

### A NOITE AMARELA

Direção de Ramon Porto Mota. Brasil. 2019. 102 min. Ficção. 12 anos.

Um grupo de amigos viaja até uma casa de praia para celebrar o fim do ensino médio. Até que surge uma sensação de que aquele lugar abriga um horror insondável, enquanto uma morte silenciosa e arrepiante os aguarda.



16

### O CEMITÉRIO DAS ALMAS PERDIDAS

Direção de Rodrigo Aragão. Brasil. 2020. 95 min. Ficção. 16 anos.

Um jesuíta e seus seguidores iniciam um reinado de terror no Brasil colonial, até serem amaldiçoados a viver eternamente presos em um cemitério. Séculos depois, eles estão prontos para se libertar.



16

### A SOMBRA DO PAI

Direção de Gabriela Amaral Almeida. Brasil. 2018. 90 min. Ficção. 16 anos.

O filme conta a história de Jorge e Dalva, pai e filha que não conseguem se comunicar. Dalva acredita ter poderes sobrenaturais e ser capaz de trazer a mãe de volta à vida. À medida que Jorge se torna mais ausente, resta à Dalva a esperança de reencontrar sua mãe.

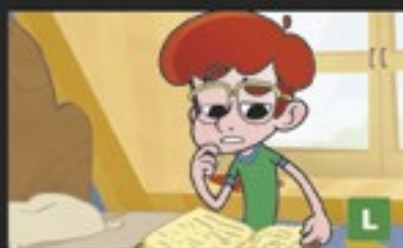


10

### PASSAGEM SECRETA

Direção de Rodrigo Grotta. Brasil. 2021. 95 min. Ficção. 10 anos.

Alice é obrigada a se mudar para uma pequena cidade, onde faz novos amigos. Ao invadir um parque de diversões para resgatar um dos seus colegas, Alice descobre segredos sobre a sua identidade e precisa fazer escolhas.



### ALÉM DA LENDA O FILME

Direção de Marília Mafé / Marcos França. Brasil. 2022. 86 min. Animação. Livre.

Um trio símbolo do Dia das Bruxas, a gata-bruxa Witchka, o espantalho Jerry Moon e o espectro Midnight, vêm ao país no dia 31 de outubro com a ideia de capturar um livro secreto e dominar as lendas brasileiras.

**Entrada gratuita.**

**Consulte a Unidade Sesc mais próxima e participe das sessões.**

**Sujeito à lotação.**



**Acesse o QR Code e confira a programação completa das unidades.**

# Paulo-Roberto Andel

## A alma aflita das ruas

Há motivos para o que se considera uma produção literária frenética de minha parte, com 40 livros em 13 anos. O principal deles foi a morte repentina dos meus pais, que me levou a mergulhar vertiginosamente para tentar ocupar a cabeça - e não adiantou nada. Em menor escala, minha vontade de ser publicado desde os anos 1990, o que acabou acontecendo somente em 2010. Também conta o fato de poder produzir meus próprios livros, sem os vícios preconceituosos que costumam povoar a mente de boa parte dos editores.

Agora, um grande motivo para essa correria desenfreada foi o medo da morte. Não exatamente o medo, porque ela é inevitável, mas o medo de morrer sem ter escrito um conjunto de livros que considerasse razoável. O medo de que não desse tempo. Hoje ainda me falta muita coisa, claro, mas era inimaginável o número de 40 há 13 anos e ele foi alcançado. Alguns venderam milhares de cópias, outros venderam centenas e provavelmente os melhores não venderam nada, mas tudo bem - o autor quer ser lido mas não faz um pacto de plateia antes de escrever. Só lamento que meu trabalho como autor “carioca” fique à margem do trajeto no futebol - do qual me orgulho muito mas não não sou 100% dependente. Ele existe e pode ser lido há anos no Correio da Manhã e no meu blog, Otraspalabras.

Vivi e vivo com medo. Sempre foi assim, havia e há muito sofrimento. Por muitos motivos, achava que minha vida seria curtíssima - e quase foi mesmo -, o que se acentuou quando alguns colegas morreram jovens. Então acabei chegando aos 55 anos, que para muitos ainda é uma réstia de juventude nos tempos modernos, mas me tem pesado com enorme

cansaço. A luta pela sobrevivência, a sensação da velocidade do tempo, as perdas e danos mais a certeza da ruindade da maioria dos humanos aumentam a fadiga. Só que eu não paro, nem sei por que motivo. Então continuo escrevendo e produzindo livros de terceiros, enquanto sigo cumprindo minha pena por aqui - nada que se compare às verdadeiras penas aplicadas em presídios, mas também longe de ser fácil.

Meu novo livro se chama “A Alma Aflita das Ruas” e é uma brincadeira com o craque João do Rio, inspirada em meu amigo Luiz Carlos Lacerda - poeta e cineasta. Obviamente não cabe comparação: João foi o maior cronista de seu tempo, inaugurou a ABL e seu talento venceu as décadas. O que faço é tentar registrar alguns cenários do Centro do Rio para que, no futuro, alguém os ache numa garrafa que atirei no mar da internet. “Alma” é um livro de humanidade, de minha incapacidade em desprezar o próximo, e está alinhado com todos aqueles que veem o Rio de Janeiro com amor mas sem hipocrisia, entendendo a verdadeira tragédia que nos cerca há anos. Um livro sobre a opressão, naturalizada pelo neoliberalismo e tolerada por certa esquerda cheia de discurso, mas pouca ação prática.

Os interessados em “A alma aflita das ruas” podem encomendá-lo pelo WhatsApp (21) 99634-8756. Venderá pouco e é para poucos mesmo - os que nele acreditam. Nenhum problema para quem não acreditar: a recusa e o desprezo fazem parte do jogo literário. Porém, até segunda ordem, não há mau resultado financeiro que me faça parar de escrever. É uma causa e, como disse Borges, “aos verdadeiros cavalheiros só interessam as causas perdidas.



John G. Avildsen e Stallone nos sets de Rocky em 1976

# O cronista da resiliência

Exibição de ‘Rocky V’ na Globo e documentário na Amazon celebram o legado do diretor John G. Avildsen

Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

**R**evalorizado três décadas depois de seu lançamento, “Rocky V”, que a Globo vai exibir na madrugada de domingo para segunda, às 2h10, é uma das mais potentes triagens da resiliência dos degredados da sociedade na obra de John G. Avildsen (1935-2017). Apelidado nos EUA de “o cronista dos derrotados”, por seu interesse em figuras excluídas em vias de dar a volta por cima, o cineasta americano deixou inacabado o projeto do drama “Nate & Al”, que filmaria com Richard Dreyfuss. Saiu de cena no momento em que sua memória vinha sendo celebrada por um par de documentários, ambos dirigidos por Derek Wayne Johnson. Um deles é “The King of Underdogs”, hoje na Amazon Prime, e outro é “40th Years of Rocky - The Birth of a Classic”. O segundo explica-se pelo título: bastidores do sucesso de 1976, o maior êxito popular da carreira de Avildsen, que deu aos contos de fada uma dimensão social,

numa espécie de Cinderela de luvas de boxe, tendo Sylvester Stallone no papel central. O eterno Rambo fala de Avildsen em “Sly”, documentário que encerrou o Festival de Toronto e chega em novembro à Netflix. Stallone sempre se surpreende ao lembrar da decisão de seu realizador de deixar uma câmera livre, sem ponto fixo, sem tripé, para filmar as sequências de luta.

Encarado hoje como cult, “The King of Underdogs” é uma investigação sobre a trajetória de sucessos do finado cineasta, resgatando o processo pelo qual transformou Stallone em astro. Derek investiga ainda sua dedicação à franquia “Karate Kid”, outro marco da cultura pop, hoje ressuscitado na série Netflix “Cobra Kai”. “Meu Mestre, Minha Vida” (1989), com Morgan Freeman, foi outro de seus pontos altos de Avildsen como realizador, antenado com os desequilíbrios sociais dos EUA.

O recente comercial de TV com Stallone e o apresentado do “Caldeirão”, Marcos Mion, deu um charme extra à saga de Balboa, que come o pão que a mais-valia amas-

sou em “Rocky V”, ao perder todos os seus bens numa falência, sendo obrigado a se reinventar como treinador. Foi Avildsen quem optou por recheiar o quinto longa da franquia de melodrama. Foi ele também que reestruturou a ideia proposta por Sylvester, no roteiro de sua autoria, indicado ao Oscar, de mostrar seu pugilista icônico subindo a escadaria do Museu de Arte da Filadélfia.

Avildsen assumiu o projeto enquanto ainda colhia os louros pelo êxito de crítica de “Sonhos do Passado” (1973), pelo qual Jack Lemmon recebeu um merecido Oscar. Não havia no cineasta nenhum interesse em filmar boxe. “Mudei de ideia ao mergulhar no script escrito por Stallone e enxergar nele uma jornada humanista de busca por um lugar na sociedade, um esforço redentor de um homem para se sentir incluído”, disse Avildsen, em uma das entrevistas alinhavadas pelos documentários de Derek.

“Fiquei muito tocado pela forma de ele abordar a superação. Avildsen era a minha principal referência estética de direção, além de ser um mestre, um amigo”, disse Derek ao Correio da Manhã, em meio à realização de seu novo filme, o thriller “Blood Streams”.

Quando vendeu seu roteiro (escrito em três dias e meio, como resaca pós uma luta de Muhammad Ali contra Chuck Wepner) para a United Artists, sonhando protagonizá-lo, Stallone ouviu nomes mais famosos do que ele serem citados como potenciais escolhas para interpretar o Garanhão Italiano. Os mais cotados eram Robert Redford, Ryan O’Neal, Burt Reynolds e James Caan. Mas Stallone bateu o pé: só venderia o script se o papel central fosse seu. Avildsen entendeu o pleito do ator e aceitou o desafio de rodar o projeto com ele. Acabou por ganhar o Oscar de Melhor Direção e ainda concorreu ao prêmio principal do Festival de Vaidollid.

Nos anos 1990, Avildsen trabalhou com outro muso da pancadaria, o grande dragão belga Jean-Claude Van Damme, em “Inferno”, de 1999, mas não teve o mesmo êxito de outrora.

Divulgação:ox

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

**F**rutificado por um boca a boca dos mais populares, “Monstro Do Pântano: Inferno Verde” finca suas raízes no coração do público e da crítica candidatando-se ao posto de HQ do ano no país. A presença do canadense Jeff Lemire, “O” quadrinista do momento, nos créditos de roteiro do álbum faz dele um ímã de elogios. O autor se popularizou na Netflix com a série “Sweet Tooth”. Seu sucesso na plataforma digital garante uma nova visibilidade – e com ela uma nova legião de fãs – para seu personagem central, uma criatura monstruosa que, em sua encarnação humana, era o cientista Alec Holland. Jogado nos pântanos da Louisiana após uma ação de criminosos, ele tem seu corpo mesclado a uma fórmula bioquímica que une seu DNA a uma força vegetal mística. Na aventura de Lemire, Doug Manhke assina exuberantes ilustrações que recriam o combate de Holland contra entes da Natureza num futuro distópico, no qual a América foi engolida pelas águas do degelo das calotas polares.

“Eu tento investigar a condição humana para além do maniqueísmo”, disse Lemire ao CORREIO via Zoom. “Tento falar de pessoas, investigar condições humanas, mas é fundamental que o meio ambiente integre essa reflexão”.

Criado em julho de 1971, no seio editorial da DC Comics, na revista “House of Secrets” nº 92, com roteiro de Len Wein e desenhos de Bernie Wrightson, o Monstro do Pântano assombrou os quadrinhos de super-herói de teor maduro com uma mirada metafísica sobre a ecologia. É um personagem que se firmou como coadjuvante até ser promovido a protagonista, em sagas com um pé no terror e outro na filosofia, sempre cercado de ativismo ambiental. Alan Moore, o autor de “Watchmen”, foi quem o repaginou, seguido por Stephen Bissette. Há 21 anos, o Guardiã do Verde ganhou espaço nas telonas num filme pilotado pelo cultuado Wes Craven e conquistou uma série (de



Divulgação

# No jardim de Lemire

Ícone da metafísica e do terror nos quadrinhos de super-heróis, o Monstro do Pântano ganha álbum de luxo escrito pelo badalado autor canadense famoso por ‘Sweet Tooth’

qualidade) na TV, produzida por James Wan. Ao largo da pandemia, a Panini colocou uma série de coletâneas de seus quadrinhos à venda, com destaque pra “Novas Raízes” e “Contos do Bayou”. Saiu ainda um especial do anti-herói, voltado para jovens leitores, chamado “Ramificações Gêmeas”, escrito por Maggie Stiefvater e desenhos de Morgan Beem.

De todo esse material, o que mais deslumbrou fãs foi “Inferno Verde”, do selo Black Label da DC, no qual a violência é permitida, sem freios. Em sua trama, a Terra está quase extinta. Os últimos remanescentes da humanidade se agarram a uma ilha no topo de uma montanha perdida enfrentando uma enchente sem fim. Os Parlamentos do Verde, do Vermelho e da Decomposição,

uma horda de seres superpoderosos ligados aos elementos (terra, água, fogo e ar), concordam: é hora de limpar a lousa e começar o ciclo da vida novamente neste planeta. A fim de fazer isso, eles uniram seus poderes para invocar um avatar: um dos monstros mais horríveis que já espreitaram a superfície deste planeta abandonado. Contra uma criatura como essa, não pode haver resistência... a menos que você tenha um soldado que entenda o inimigo. Alguém que já usou suas táticas antes. Alguém como Alec Holland. O problema dele: o mago John Constantine, um pilantra encapotado que já passou a perna até no Diabo, vai atrapalhar seus planos. Até certo ponto.

Os diálogos de Lemire ampliam a calhordice de Constantine,

imortalizado no audiovisual num filme de 2005, com Keanu Reeves. O Desafiador é outro herói clássico da DC que aparece no gibi, em destaque.

A obra de Lemire - hoje envolvido com o thriller sobrenatural “Mazebook”, via Dark Horse Comics - vai muito além do ambientalismo, de mãos dadas a uma mirada existencial nas tramas que escreve e desenha. Tem muita editora lançando coisas boas dele no Brasil, atenta à diversidade de gêneros perseguidos pelo escritor e ilustrador de 45 anos, sobretudo a Intrínseca, que importou da Image Comics uma joia dele: “Family Tree”, de 2019. O álbum brasileiro é um luxo só, bem traduzido por Fernando Scheibe. Desde novembro, ele vem trabalhando numa nova

safra de histórias sobre o universo de “Sweet Tooth”, ambientada 300 anos depois dos feitos a serem narrados na série. Em seu recém-lançado “Mazebook”, ele narra a história de um inspetor imobiliário às voltas com uma ligação telefônica misteriosa: quem o chama, no celular, é a voz de sua filha morta, clamando por socorro.

Entre flechas do Arqueiro Verde e elocubrações psicodélicas do Homem-Animal, nos quais deu o ar de seu traço, na DC Comics, Lemire aproveitou brechas na indústria - onde é disputado ainda pela Marvel, pela Top Shelf e pelo TKO Studios - pra criar um trabalho particularíssimo, sobre uma menina que, dia a dia, vai se transformando numa árvore. A metamorfose da pequena Meg, em “Family Tree” - desenhado por Phil Hester, Eric Gapstur e Ryan Cody - tem mais conexão com o curta-metragem brasileiro “Um Ramo”, exibido em Cannes em 2007, por Juliana Rojas e Marco Dutra. Nele, folhas e caules começam a nascer da pele de uma mulher (Helena Albergaria) sem razão aparente, numa manifestação do Extraordinário (força nas raízes do sobrenatural) entre nós. Mas, em Lemire, parece haver uma razão na mutação de Meg, que remonta a uma situação parecida com seu sumido pai, que, supostamente, abandonou mulher e filhos, mas, na prática, não largou seu lar - ele virou uma araucária falante. Quem vem dizer isso a Meg e à mãe dela, a amargurada Loretta, é o avô cuja existência a menina desconhecia: Judd. Parecidíssimo com o ator Nick Nolte, Judd chega armado até os dentes para salvar sua netinha, sua nora e seu neto maconheiro, Josh, de uma horda violenta que anseia capturar as pessoas que se metamorfoseiam em folhagens e galhos.

Para conhecer Lemire, é importante conhecer trabalhos dele como “O Soldador Subaquático” (2012), “O Ninguém” (2009) e “Condomínio Essex” (2008). Tipos solitários, cuja rotina é um ímã de aspereza - como o Jepperd de “Sweet Tooth” -, parecem ser a tradução de sua investigação filosófica, quase sempre mesclada a referências da identidade cultural canadense.

# Reverência ao lirismo

Lançamento de 'Coragem', de Carlos Cardoso, transforma a Travessa num oásis da poesia

Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**T**emplo para a poesia, sempre aberto aos lançamentos das vozes autorais do lirismo, a Travessa de Ipanema abriu suas portas, na noite de terça, para a manifestação da "Coragem" de Carlos Cardoso, engenheiro que encontrou no verso uma fonte de expressão de inquietudes e prospecções da beleza. Mais do que uma simples noite de autógrafos,

o evento foi uma celebração das expressões poéticas. Uma mesa com dois imortais da Academia Brasileira de Letras (ABL) Antônio Carlos Secchin e Geraldo Carneiro dissecou a obra de Cardoso, ao mesmo tempo em que contextualizou a importância de poetas para a transcendência. Cerca de 250 pessoas prestigiaram a Travessa a fim de refletir sobre a escrita do lirismo.

"Com uma voz mais polar do que solar, a obra de Cardoso mostra que a luta com a palavra é sem-



Carlos Cardoso durante o lançamento de 'Coragem' na Livraria da Travessa

pre uma luta contra a palavra", disse Secchin no lançamento.

Consagrado por "Melancolia", de 2019, pelo qual recebeu o Prêmio APCA, Cardoso faz uma imersão nos pântanos do benquerer em seus versos.

"Passamos por um movimento em que a poesia brasileira parou de apostar nos versos de amor como uma fonte de expressão criativa, mas Carlos trouxe a tradição do poema amoroso de volta", disse Carneiro, durante o evento.

Rodrigo Fonseca

# Leia o livro, veja o streaming

Por Olga de Mello  
Especial para o Correio da Manhã

A recente greve de roteiristas do cinema e da televisão norte-americanos deixa claro que, à parte os problemas trabalhistas, mais do que recorrentes na maioria dos arranjos sociais conhecidos, existe uma falta de imaginação criativa há tempos rondando o setor. Entre as principais matérias-primas da indústria audiovisual da atualidade são as adaptações de obras literárias.

Além das constantes novas interpretações de romances clássicos, o cinema tem buscado inspiração em best-sellers do momento ou de um passado recente, como o divertido Travessuras da Menina Má (Alfaguara, R\$ 70), do peruano

Mario Vargas Llosa, ganhador do Nobel de Literatura de 2010.

O divertido romance, narrado pelo "menino bom", o tradutor Ricardo, que deixa Lima aos 20 anos para viver em Paris, conta didaticamente as mudanças políticas no Peru pelos olhos apaixonados do protagonista. A Menina Má tem um nome a cada fase – ou a cada companheiro e país – de sua trajetória. O casal se conhece em Miraflores, bairro limenho onde o escritor se criou, quando a menina se passa por chilena para o grupo de jovens de classe média alta que a acolhe. Desaparece do dia a dia dos adolescentes quando é desmascarada — não nasceu nem viveu no Chile — e só vai ressurgir para Ricardo em Paris, quando atende

## CRÍTICA / LIVROS

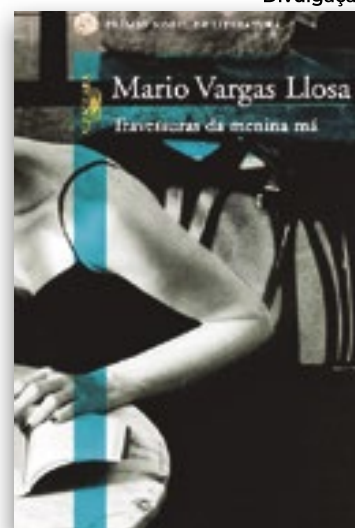
Divulgação



pelo codinome Arlette, na célula comunista revolucionária que pretende derrubar a ditadura militar peruana. Arlette vai para Cuba, e, sob novas denominações, volta a conviver com Ricardo, encarnando dondocas na França e na Inglaterra, com diferentes maridos, ou a amante de um contraventor japonês, em Tóquio.

A história de amor percorre

Divulgação



quatro décadas e reflete as opções ideológicas do próprio Vargas Llosa, que flertou com o comunismo na juventude, exilou-se durante a ditadura militar em seu país, retornando para concorrer à presidência por um partido de direita, mantendo, no entanto, uma crítica veemente aos regimes ditatoriais latino-americanos. A Menina Má dá golpes em quase todos os homens

Ousadia é um dos verbetes que entusiastas do poeta citavam na fila de autógrafos. "Gosto de 'Sol Descalço', o livro anterior de Carlos, que ganhei de presente de uma turma de ensino médio, e me encantei com o modo carinhoso com que ele expressa a inquietude do querer", disse a professora de Redação Cecília Luz, uma leitora fiel de Cardoso. "É bonito demais ver que alguém ainda se esforça para escrever sobre o amor".

Versos que integram "Coragem" eram interpretados por personalidades da cultura brasileira, como Patrícia Pillar, Tony Belloto e Malu Mader em vídeos num telão, ao mesmo tempo em que um dos principais declamadores de sua obra, o ator Othon Bastos, prestigiava o êxito do lançamento, assim como o poeta Antônio Cícero.

"Todo grande poeta, quando lido, transporta a gente para a terceira dimensão da vida, que é a dimensão transcendente da arte", diz o poeta Antônio Cícero. "Carlos é um dos grandes".

com quem se relaciona e, como qualquer anti-heroína romântica clássica, sofre humilhações que destroem sua saúde ao se apaixonar por um canalha. A punição final, a exemplo de Emma Bovary ou Anna Karenina, seria o desfecho clássico para a redenção de uma 'mocinha' tão detestável quanto encantadora. A telessérie mexicana, com participação de Vargas Llosa no roteiro e um elenco argentino, espanhol e peruano, está no Globoplay.

Sem qualquer concessão ao machismo inerente nas obras de Vargas Llosa, A outra garota negra (Intrínseca, R\$ 69,90), romance de estreia da norte-americana Zakiya Dalila Harris, também chega ao streaming pelo Star +, com a autora entre os roteiristas. Lançado em 2021, o livro transita entre o thriller psicológico e a exposição do comportamento assertivo da população negra norte-americana para firmar posição dentro de uma sociedade preconceituosa.





Netun Lima/Divulgação

# Começa o teatro brasileiro

Marco da dramaturgia nacional, 'Vestido de Noiva' está em cartaz no CCBB pelo GOM

Por Cláudia Chaves  
Especial para o Correio da Manhã

**A**lguém já ouviu falar em ex-grávida? Ex-filho? Pois é. Também não existe um Nelson Rodrigues. Jornalista, frasista, cronista, dramaturgo, dono de um pensamento absolutamente único. Tão único que desvenda, sem perdão e sem qualquer hesitação, os princípios mais abjetos, os desejos mais sórdidos da alma humana. Nelson foi, ele mesmo, principal personagem de sua escrita, pois carregou a tragédia na vida: assassinato do irmão, a filha cega, o filho preso político, amores

desencontrados, família secreta.

Depois de mais de uma década, o Grupo Officina Multimédia (GOM) volta ao Rio para apresentar o seu mais novo trabalho: "Vestido de Noiva", clássico de Nelson Rodrigues.

Escrita em 1943, a peça completa 80 anos em dezembro. A montagem integra as comemorações dos 45 anos de atuação ininterrupta da companhia de mineira e os 40 anos de direção artística de Ione de Medeiros

Nascida em Juiz de Fora em 1942, Ione de Medeiros se mudou para Belo Horizonte em 1967. Em 1977, participou da criação do

Grupo Officina Multimédia, que dirige há 40 anos. Além de diretora, é pianista, atriz, figurinista, cenógrafa, curadora, produtora cultural e educadora artística. À frente do GOM, realizou a montagem de 24 espetáculos, tendo como foco a continuidade da pesquisa multimeios, que envolve o trabalho de corpo, voz, rítmica corporal e material cênico na encenação teatral. Recebeu cinco prêmios, entre eles o Bonsucesso de Melhor Direção, com o espetáculo "Zaac e Zenoel". Ela falou com exclusividade ao Correio da Manhã.

**Como foi seu encontro com o teatro de Nelson Rodrigues?**

**Ione de Medeiros:** Tenho orgulho de ser uma mulher que monta Nelson. Depois desse primeiro encontro através de Boca de Ouro, pela flexibilidade de montar, em 2018, uma história, a partir da perspectiva

de Guigui, a personagem narradora, variar o foco de observação, a visão do jornalista. O segundo encontro que seria o Vestido de Noiva, foi uma outra maneira que me atraiu pelo fato de que Vestido de Noiva ser uma história bastante peculiar porque é a história de um personagem, uma mulher acidentada e que vai contar sua história, ou seja, o público vai entrar em contato com uma história que vem do inconsciente dessa mulher.

**Essa pesquisa sobre Nelson é centrada na relação dele com Freud. Você viu isso com clareza. De que forma?**

Então, esse foco sobre o inconsciente, ou seja, conhecer a mulher dentro, por dentro, o que que ela pensa, a sua vida interior, seus desejos, os mais proibidos, suas vontades, suas vinganças, enfim, todo aquele

universo que não vem à tona, mas que o inconsciente livre de qualquer censura, deixa manifestar, um pouco inaugurando esse interesse pela mente humana, que já começou a nascer com Freud, que começou a ser divulgado pela Europa, Estados Unidos. Acho que nem Nelson Reyes não fez isso com essa intenção de fazer uma alusão à Freud, mas, na realidade, pelo seu próprio inconsciente coletivo, ele fez isso, ele valorizou a mente da personagem e contou uma história a partir da mente dessa personagem acidentada. E, para falar de um inconsciente, ele usou aquele procedimento de colocar realidade, alucinação em memória, ou seja, também uma realidade, entre aspas, totalmente diversificada pelo fato de estar no inconsciente e pelo olhar da Aláide, que estava totalmente perdida, sem saber quem ela é. Então, vamos dizer, são três anos de investigação e de pesquisa sobre o mesmo tema, o que resultou numa vontade de compreender bem essa história, que ela é bem complexa, e de fazer o público entender. Então, acho que a produção foi ampla, mas que foi muito satisfatória para nós, produtores e artistas.

**E o papel dos clássicos?**

Eu já montei Garcia Lorca, a casa de Bernarda Alba, Shakespeare, Macbeth e Chekov, Jardim das Cerejeiras. É um clássico porque ele permanece, é atemporal. Então, o olhar que eu vou dar nessas montagens é o da linguagem que eu trabalho hoje. Assim, eu vou resgatar o que essas obras têm de atual, no sentido humano, e vou usar a linguagem que eu gosto de fazer, que é uma mistura de movimento de som e imagem. Eu sempre uso, quando não tinha projetores, eu usava slides, já usei slides porque não tinha projetores, mas eu sempre gostei da imagem, sempre gostei muito do objeto.

**SERVIÇO**

VESTIDO DE NOIVA  
Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) – Teatro 2 (Rua Primeiro de Março, 66 )  
Até 5/11, de quarta a sábado (19h) e domingo (18h)  
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)



CRÍTICA / TEATRO / MEU CORPO ESTÁ AQUI

# Magia **presente** no palco

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

**A**s artes performáticas, teatro, dança, música, permitem uma experiência única. Ver-se ao vivo, em cores, uma realidade que se desenvolve, por um determinado por um tempo, com a presença de pessoas. Assim, homem jovem pode fazer papel de idoso, mulheres podem representar papéis masculinos, ou mesmo aparecer sem qualquer caracterização, fazendo-nos ver o personagem que interpretam. Essa magia está presente, de forma intensa, em “Meu Corpo Esta Aqui”.

A peça trata, com absoluta delicadeza e talento, de um tema ain-

da difícil para ser ver no cotidiano e ainda, raro, nos palcos. Baseado nas experiências pessoais de Bruno Ramos, Haonê Thinar, Juliana Caldas e Pedro Fernandes, atrizes e atores PCDs (pessoas com deficiência), em que eles próprios estão em cena falando abertamente sobre seus relacionamentos, seus corpos, seus desejos.

O trabalho de texto e direção de Julia Spadaccini, pessoa com deficiência, e Clara Kutner é de uma exatidão cirúrgica. Puxam, em apenas um gesto, o esparadrapo que cobre aquilo que a sociedade recusa ver. Dessa forma, os quatro atores transitam com total competência pelo palco que ocupam, sem pedir qualquer licença, para contar os episódios e vivências.



Renato Mangolin/Divulgação

**O espetáculo é baseado em experiências pessoais**

No elenco, Bruno Ramos e surdo não oralizado, Haonê Thinar e pessoa amputada, Juliana Caldas tem nanismo e Pedro Fernandes tem paralisia cerebral

com cognitivo preservado e é usuário de cadeira de rodas. Sem qualquer vitimização, muito, pelo contrário, contam as histórias de forma contundente, direto

ao ponto. E lá estar o humor inteligente, sobretudo quando falam dos outros, pois o mote maior é a sua capacidade de desejar e exercer o desejo sem limitações.

E no ato da performance que exercem a cidadania a que têm direito, com excelentes atuações que abrangem aquilo que é peculiar ao humano: sou amado, sou aceito, sou rejeitado, o que posso me permitir. O que vemos no palco é aquilo que poderia ser considerado pesadelo virar sonho, devaneio, imaginação, afeto e prazer. Como todos nós queremos e merecemos.

## SERVIÇO

MEU CORPO ESTÁ AQUI

Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana)

Até 30/10, segundas e sábados (20h) e domingos (19h)

Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

## NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

### Rituais de passagem

A Pandorga Cia de Teatro retorna aos palcos cariocas neste sábado (21), no Centro Cultural da Justiça Federal, com seu mais recente espetáculo, “Louise/Os Ursos”, inédito no Brasil, baseado na obra da francesa Karin Serres. Com direção de Clayton Echeveste, a peça conta a história da menina Louise, que passa a ver ursos por todos os lugares, causando espanto para a família e os amigos. Esse jogo entre o visível e o invisível, faz do texto uma metáfora para os rituais de passagem. Sábados e domingos, às 16h. Até 12 de novembro.

Renato Mangolin/Divulgação



Renato Mangolin/Divulgação

### Medeia atualizada

Você sempre age de acordo com seus princípios éticos? Ou será que muitas vezes suas ações contradizem o seu discurso? A partir dessa reflexão se desenrola o espetáculo “Era Medeia”, que volta ao cartaz nesta terça-feira (24) no Cinelândia. Com supervisão de Cesar Augusto, texto e direção de Eduardo Hoffmann, a peça se passa durante os ensaios de uma adaptação da tragédia “Medeia”, de Eurípedes, pano de fundo para uma discussão que passa pelo machismo e o abuso de poder. Em cena, estão Eduardo Hoffmann e Isabelle Nassar.



Sattva Orasi /Divulgação

### Mãe Natureza

A rito-performance itinerante “Eu Sou Você” permeia a conexão entre o desmatamento da natureza, a urbanização das grandes cidades e a violência contra a mulher. Nove mulheres bicho-plantas reivindicam o espaço e cativam todos os que cruzam seu caminho através de danças selvagens e sussurros de palavras encantadoras. Estreia sábado (21), às 16h, na Aldeia Maracanã. Passará ainda pelo Aterro do Flamengo (22/10, às 15h), Muhcab (27/10, às 14h30) e finaliza na Areninha Carioca João Bosco (29/10, às 15h). Direção da artista transdisciplinar Allegra Ceccarelli.

# Desapego à moda alemã

Apostando na sensualidade, 'Um Dia Nossos Segredos Serão Revelados' faz da diretora Emily Atef uma das vozes autorais mais concorridas da Mostra de São Paulo

Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**A**tenta à ampliação do circuito de vozes autorais femininas nas telas, a Mostra de São Paulo, em sua 47ª edição, escalou um dos mais belos concorrentes ao Urso de Ouro da Berlinale: "Um Dia Nossos Segredos Serão Revelados" ("Irgendwann Werden Wir Uns Alles Erzählen", de Emily Atef.

Sua estreia na grade do evento será no dia 23, às 18h, no Reserva Cultural, com repeteco no dia 25, às 13h30, no Espaço Itaú Augusta I.

"Esse novo filme é cheio de silêncio e de sensualidade porque eu estou sempre tentando criar um paralelo entre as inquietações das mulheres com os vetores opressivos que nos acoossam e nos impõem normas", disse Emily ao Correio da Manhã em sua passagem pelo 25º Rendez-vous Avec Le Cinéma Français, um fórum promocional de longas europeus realizado em Paris, em janeiro.

Esse drama de tons sensuais se passa em 1990, ao largo da queda do Muro de Berlim. É o último verão na Alemanha Oriental antes da reunificação. Lá, a jovem Maria está prestes a completar 19 anos e mora com o namorado na fazenda dos pais dele. Ela prefere se perder nos livros do que focar na formatura da escola, quando esbarra em Henner, o fazendeiro vizinho. Um toque é tudo o que é preciso para acender uma paixão avassaladora entre Maria e o homem rústico e obstinado com o dobro da idade da garota. Em uma atmosfera repleta de possibilidades, nasce uma paixão secreta cheia de calor e desejo que devora tudo o que há pelo caminho. A trama é baseada no romance homônimo de Daniela Krien.

"É uma trama sobre solidão e suas sequelas, narrada no espaço da querência. O ruído e a quietude do espaço à minha volta



'Um Dia Nossos Segredos Serão Revelados': um filme cheio de silêncio e sensualidade

são a fonte da minha dramaturgia", diz Emily "Meu cinema tenta deixar com que o som gueie a sensibilidade do espectador por camadas que nem sempre são ditas ou mostradas na narrativa", explicou a diretora, que terá mais uma projeção do longa na Mostra, no dia 1º, no Espaço Itaú Frei Caneca.

Há tempos o cinema alemão – lar de Werner Herzog, de Fassbinder e de Wim Wenders – tem confiado a mulheres geniais, consagradas como diretoras, a tarefa de manter viva sua potência autoral, como se viu em 2016, com a consagração de Maren Ade e seu "Toni Erdmann". Este ano, a Berlinale trouxe cineastas germânicas aclamadas para a disputa pelo Urso de Ouro, como a veterana Margarethe von Trotta (no páreo com "Ingeborg Bachmann – Jornada Pelo Deserto") e a atriz e realizadora Angela Schanelec, laureada com o prêmio de Melhor Roteiro por "Music". Mas quem mais vem atraindo holofotes foi Emily, especialista em radiografar as angústias femininas. Seu novo longa foi gestado em meio ao sucesso de seu filme anterior, uma produção francesa chamada "Plus Que Jamais", que fez seu cacifê artístico aumentar, de braços dados com o melodrama.

Indicada ao Urso dourado de 2018 com

o tocante "3 Days In Quiberon", Emily passou 2022 em uma bifurcação profissional, ao dividir sua agenda entre a série "Killing Eve", um cult da qual é diretora, e a carreira internacional do doído "Plus Que Jamais". Visto em Cannes, em maio, o filme foi o canto de cisne do ator Gaspard Ulliel, morto em um acidente de esqui no início do ano passado. O rosto vívido de Ulliel faz a tela inflamar de dor nas cenas em que Matthieu, seu personagem, tenta entender (em vão) o que se passa no coração de sua amada, Héléne, papel da atriz europeia da vez, Vicky Krieps, egressa de Luxemburgo. No roteiro filmado por Emily, Héléne está morrendo. A certeza do fim faz com que ela viaje para uma região da noruega a fim de se encontrar com um blogger que consegue expor em palavras as angústias da finitude.

"O que eu busco em 'Plus Que Jamais' é uma relativização do peso trágico da morte um modo de questionar a onipotência do amor na dimensão por vezes redentora atribuída a ele. Na trama, Matthieu enreda sua mulher numa relação claustrofóbica, que limita seus passos em busca de uma transcendência", diz Emily, que estreou na direção há 20 anos e ganhou fama em 2008, ao dirigir o aclamado "O Estra-

nho Em Mim", revelado em Cannes e premiado na Mostra de São Paulo.

Com "Plus Que Jamais", ela levou a seção Un Certain Regard de Cannes ao pranto com a delicadeza com que narra o calvário de Héléne. "A frase que resume o filme com mais precisão seria: 'A portadora de uma grave doença viaja pela Noruega nos instantes finais de sua vida para morrer'. Ou seja, estou falando de desapego, emocional e material. É um ritual que usa toda a beleza natural à sua volta. Mas a força daquela mulher chama tanta atenção quanto a natureza", diz Emily. "De um inesperado desapego em relação às certezas materiais e morais, nasce uma história de amor que transcende o tempo e os vínculos".

"Ingeborg Bachmann – Jornada Pelo Deserto" também vai estar na Mostra de SP, com sessão nesta sexta, às 21h, na Cinemateca Brasileira. A diretora de diretora de "Hannah Arendt - Ideias Que Chocaram o Mundo" (2012) segue fiel a seu cinema biográfico e escala a já citada Vicky Krieps para interpretar a escritora e poeta austríaca Ingeborg Bachmann (1926-1973, autora de "O Tempo Adiado"). Seu lema: "A verdade é razoável para o homem".

A Mostra segue até o dia 1º.

Divulgação

## CRÍTICA / CINEMA / ASSASSINOS DA LUA DAS FLORES

# O ódio será nossa herança

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

**C**elebrizado nas verdades da violência por meio de tramas de máfia, centradas na sociologia de uma América suburbana, Martin Scorsese envereda por códigos do western não pelas malhas mais populares do gênero (duelos, cavalgadas, desbravamento do Oeste), mas por um veio antropológico, no mesmerizante “Assassinos da Lua das Flores”. Superprodução de US\$ 200 milhões, o novo longa-metragem do realizador de “Os Bons Companheiros” (1990) é uma adaptação ousadíssima, de três horas e 26 minutos, do livro de não-ficção “Killers of the Flower

Moon: The Osage Murders and the Birth of the FBI”, do jornalista americano David Grann.

É um tratado histórico contra o racismo americano, que adotou os povos originários de seu território como objeto de intolerância, entre os quais a população indígena Osage. Dois musos da obra do diretor unem seus talentos em cena: Leonardo DiCaprio e Robert De Niro.

Ganhador do Oscar por “A Baleia”, Brendan Fraser tem uma participação luminosa no terço final de “Assassinos da Lua das Flores”, um projeto da AppleTV que teve uma exibição em tela grande em maio, no Festival de Cannes, e chega agora ao circuito exibidor. A montagem de Thelma Schoonmaker



Divulgação

## DiCaprio conduz Lily Gladstone à estrada do engano

(sempre exuberante em sua esgrima com a mesa de edição) equilibra tensão, conspirações políticas, melodrama e confronto de culturas. É nesse último aspecto que Lily Rose Mary Gladstone - atriz descendente dos indígenas Nimípuu e Pikunis - se destaca em cena, e se candidata ao Oscar.

Numa mistura de melancolia e resiliência, a personagem dela ilu-

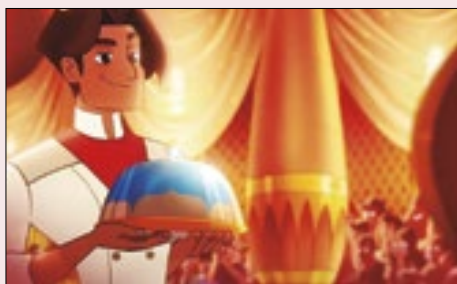
mina a trama fotografada por Rodrigo Prieto. Proustiano, Scorsese busca um tempo perdido quando os Osage ficam ricos com a descoberta de combustível fóssil (petróleo) em suas terras, no início do século XX, logo após a I Guerra. Nos anos 1920, em Oklahoma, eles passam a ser manipulados por um senhor feudal fora de época, chamado de “Rei”, o poderoso William

Hale (De Niro, em magistral atuação). Precisando de alguém de confiança para garantir que nenhum Osage passe do ponto, matando-os se preciso for, Hale dá emprego de motorista (e de faz-tudo) para seu sobrinho, Ernest, vivido por um Leonardo DiCaprio maduro, com ares de Burt Lancaster.

No flerte com os indígenas que deve vigiar, eliminando alguns, Ernest se casa com uma herdeira dessa população, Mollie, papel de Gladstone. Mollie ficou rica, mas padece de diabetes, sem conseguir dar conta do mal-estar que sente. Padece também da dor diante das mortes de seus conterrâneos. O amor de Ernest é um alívio pra ela, mas será, mais adiante, um caos. É o que se passa quando ela percebe que seu companheiro está ligado a crimes de ódio. As confusões de Ernest acabam num tribunal, num julgamento em que todas as imposturas dos EUA entram no banco dos réus.

## CINESTREAMING

POR RODRIGO FONSECA



Chef Jack

**CHEF JACK: O COZINHEIRO AVENTUREIRO**, de **Guilherme Fiúza Zenha**: Saboroso no uso das especiarias da aventura, esta animação é baseada numa ideia do roteirista Artur Costa. É uma mistura de “Johnny Quest” com “MasterChef”. A trama segue os passos de prodígio da culinária, Jack (na voz de Danton Mello) numa viagem pelo mundo atrás dos ingredientes mais raros para completar suas receitas únicas. HBO Max



Minha Vida em Marte

**MINHA VIDA EM MARTE (2018)**, de **Suzana Garcia**: Eis o fenômeno de bilheteria que uniu as estrelas de “Minha Mãe É Uma Peça” e de “Os Homens São De Marte... É Pra Lá Que Eu Vou”. O casamento de Fernanda (Monica Martelli) está em crise. Quando o divórcio acontece, ela conta com seu fiel amigo Aníbal (Paulo Gustavo, impagável) na jornada de busca por si mesma. Os dois vão da diversão às reflexões. Globoplay



Mate ou Morra

**MATE OU MORRA**, de **Joe Carnahan**: Ímã de adjetivos entusiasmados em sua passagem pelo circuito europeu, este thriller pop dá a Frank Grillo uma chance de recriar a linhagem de vigilantes gaiatos que o astro Bruce Willis representava como ninguém. Dublado por Alexandre Marconato, Grillo é Roy Pulver, um ex-agente das forças especiais que se vê forçado a reviver o dia de sua morte inúmeras vezes. Netflix



Divulgação

Jogada Decisiva

**ENTRE MULHERES (2022)**, de **Sarah Polley**: Ganhador do Oscar de Melhor Roteiro Adaptado, esta releitura do livro homônimo de Miriam Toews acompanha a luta das habitantes de uma comunidade religiosa para reagirem a uma série de crimes sexuais cometidos pelos homens da região. A trama é baseada em fatos ocorridos na Bolívia. A compositora islandesa Hildur Guðnadóttir assina a trilha sonora. Amazon Prime

**JOGADA DECISIVA (1998)**, de **Spike Lee**: Dublado no Brasil por Garcia Junior, Denzel Washington esbanja carisma na pele de um presidiário que tem a chance de ter sua pena reduzida caso convença seu filho, um ás do basquete, a se render a um esquema esportivo. Sua bilheteria beirou os US\$ 23 milhões, numa época de vacas magras para filmes de tom militante. Mas seu roteiro preservou uma malícia singular. Plataforma: Star+

# Portas para a diversidade

Artista visual Negrosoousa registrou cerca de mil portas de casas em cinco estados brasileiros para a exposição virtual 'Pode Entrar'

**A** diversidade e a composição urbana de 10 cidades do Nordeste e de Minas Gerais usando as portas como recorte estão presentes na exposição virtual "Pode Entrar", idealizada pelo artista visual e produtor Negrosoousa.

Cerca de mil imagens foram captadas ao longo dos 18 últimos meses nos municípios de Granja, Viçosa, Sobral, Canindé, Crato e Juazeiro (CE), São Luís (MA), Ouro Preto (MG), Parnaíba (PI) e Olinda (PE). Negrosoousa propõe uma reflexão sobre a riqueza histórica do país em suas diversas regiões a partir de um símbolo do cotidiano e da contemporaneidade.

"Essa é, definitivamente, uma aventura completa e apaixonante. Você não está somente dispondo registros de um objeto, mas contando as histórias de um povo, ou de um alguém, de um local. É sobre você ter condição de falar do presente, por vias alternativas válidas. A partir deste material se abrem espaços para o diálogo sobre quais possíveis histórias, contextos e feitos, este conjunto traz para o nosso saber coletivo. Há um Brasil,



Divulgação

**“** Você não está somente dispondo registros de um objeto, mas contando histórias de um povo, de alguém, de um local”

Negrosoousa

através dessas portas, que atravessa o tempo e nos mostra o quão poderoso também é a adaptação do humano, conforme suas necessidades”,refleteo artista visual.

“Circulei uma parte do mapa brasileiro, decidido a trazer comigo um documento rico que fosse possível de desdobramentos para uma construção visual de identidade forte e múltipla e eu acredito que consegui isso”, acrescenta.

Para Negrosoousa, “Pode Entrar” exibe um Brasil que se manifesta de forma harmônica junto ao tempo e à história, por meio da disposição democrática das arquiteturas registradas. “Trata-se de explorar campos, de igual parte, como a arte e a sociologia, onde vamos tratar a compreensão e o funcionamento dos espaços, da intervenção humana, afirmando a comunhão das ciências na geração deste trabalho”.

A exposição foi construída e ordenada de forma manual pelo artista visual e estará disponível a partir desta sexta-feira (20), de forma permanente, na galeria virtual Casa, com design criado também por Negrosoousa. O acesso ao material se dá por meio do Instagram, através do perfil @negrosoousa.

Painel com imagens que integram a exposição virtual Pode Entrar

# Carta para Gilberto

“O Rio de Janeiro continua lindo”...

Ôooo, Seu Gilberto, me perdoe, mas tenho que discordar de você meu querido Imortal...

O Rio de Janeiro tem todas as prerrogativas, todos os encantos naturais e de seu povo que exaltava, isso mesmo exaltava felicidade. No entanto essa cidade está sofrendo e sofrida, anda triste e cabisbaixa. Acho que perdeu o tom, pois literalmente perdeu Tom Jobim. Ele já não senta à sombra da sumáuma que hoje leva seu nome, ele já não anda pela praia até o Leblon, já não há mais Plataforma e Seu Alberico e, como diria Drummond, “...já não há...”, aliás, Gilberto, andam teimando em roubar seus óculos, do Drummond, o poeta já não tem mais sossego, vive aos saltos no banco da praia que, em fotografia imortalizada por Rogério Reis se transformou em imagem, eternizada em bronze, de suas formas e, pois é, as vezes cansado com tantas selfies... Poetas também cansam.

Mesmo sabendo que há inocentes no Leblon ou que “no mar nesta estava escrita uma cidade”.

Pois é, Gilberto, essa cidade que você mandou abraços já não é mais aquela. Já não tem mais aquele elan, diria Claude Amaral Peixoto. Queria, eu poder passear com a minha bike..., “tá” bom, o Ancelmo vai dizer que bike é o cacete, eu sei, tudo bem, com meu camelo, minha magrela, pelas ciclovias da cidade, mas, anda meio complicado.

Pela orla até vai, vejo a paisagem, as meninas coloridas pelo sol, que encantavam Vininha, vejo meus amanheceres, meus pôr dos sóis, dou aquela paradinha para o mate gelado, para o Biscoito Globo, mas só chego até o fim do Leblon.

Queria ir até São Conrado, pois essa era ideia da ciclovia da Niemeyer, queria pegar minhas ondas no canto da praia, naquele cantinho democrático, onde todos os surfistas são bem-vindos, onde a galera da Rocinha e os bacanas da Zona Sul se confraternizam à espera da rainha, a onda perfeita para dropar, para o tubo, para se exibirem, para compartilharem a felicidade.

Mas Gilberto, agora não dá, a ciclovia, batizada de Tim Maia, caiu, desmoronou, desabou, tombou, desintegrou, matou seres humanos. A ciclovia foi derrubada por uma

ressaca, não uma vez, mas algumas vezes. Fiquei imaginando o Tim, deve ter se revirado no túmulo, deve estar rogando pragas, por ter seu nome atrelado a esta obra até hoje e o fará por toda eternidade. Não tiro sua razão, afinal o que era belo, o que era nobre, o que era para ser do Leme ao Pontal, foi interrompido por umas ressacas, logo umas ressacas que

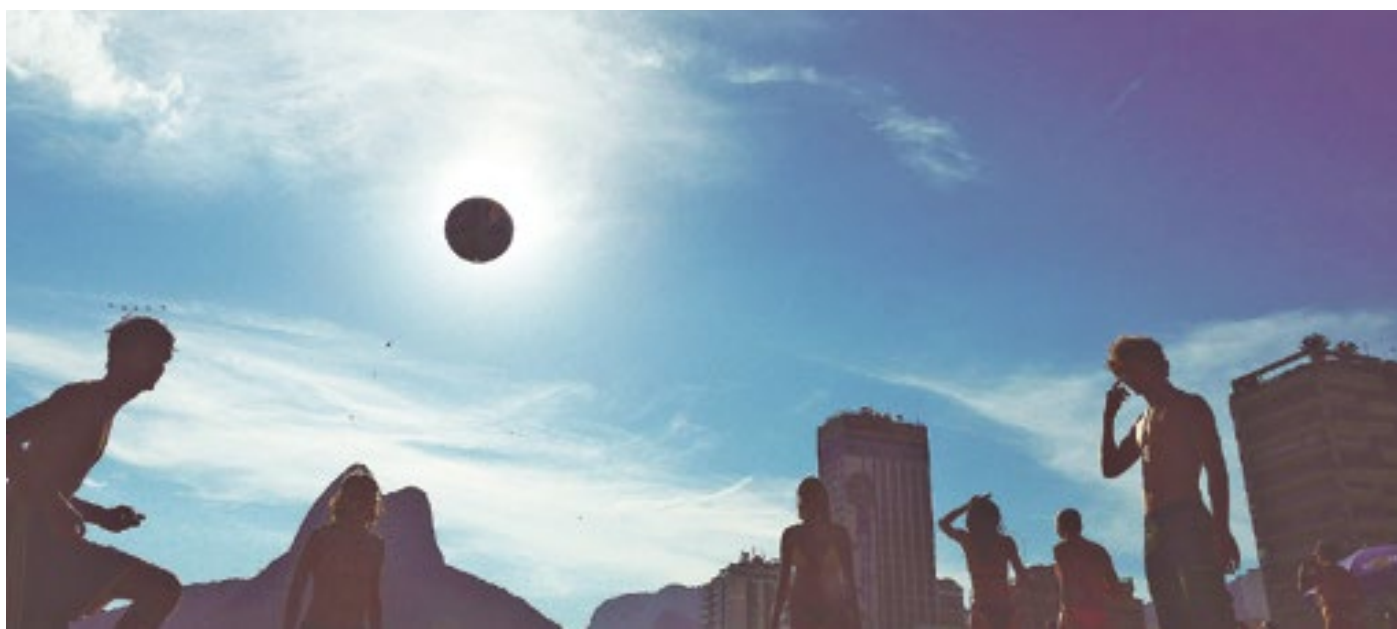
nunca derrubaram o Tim que adorava ver o “azul da cor do mar”.

Pois é, Seu Gilberto, a coisa aqui anda feia, já cantava o Francisco, agora, também, anda difícil.

Sabe Gilberto, ando, ultimamente, meio triste, queria tanto ver “essa gente bronzeada mostrar seu valor...”, queria sair às ruas com

minha magrela e circular toda cidade, queria poder sair lá da Penha, do Meier, de Madureira ou, quem sabe, de Ramos e pedalar até o Pontal e vice-versa.

Sabe Gilberto, queria muito voltar a ser feliz, queria muito dizer que é FelizCidade, queria muito receber novamente ‘aquele abraço’.



Divulgação



Bendita Tortas

/Ana RabeloDivulgação



Que Doce!

Tomas Rangel/Divulgação



Suburbanos Pizza

# Aberta a temporada de morangos

Veja um roteiro de onde comer pratos com a fruta da época

Por **Natasha Sobrinho (@restaurants\_to\_love)** Especial para o Correio da Manhã

**É** tempo de morango! A safra da fruta ocorre entre julho e outubro e os apaixonados pela iguaria podem comemorar, os restaurantes estão cheios de novas receitas no cardápio. Versátil, refrescante e com sabor ácido e adocicado o morango pode ser usado em inúmeras preparações, desde sobremesas até sucos, saladas e até pizza. Confira abaixo uma lista de pratos em que o morango é o protagonista:

**Bendita Tortas** - Sob o comando da confeitaria Erica Generoso, a casa oferece a Cheesecake de frutas vermelhas (R\$202 - P/ R\$237 - G), preparada com morangos frescos. Outra opção é a Cheesecake Brulee com calda artesanal de morangos fres-

cos (R\$219 - P/ R\$257 - G). Endereço: Rua Golf Club, 60. São Conrado. Telefone: (21) 99758-3570.

**Café Cultura** - Quem for a cafeteria poderá encontrar a torta de mousse cho-

Divulgação



Café Cultura

Divulgação



Ráscal

Bruno de Lima/Divulgação



Capricciosa

colate com brigadeiro branco e morangos frescos (R\$22 -fatia), feita diariamente na casa. Endereço: VillageMall: Av. das Américas, 3900 - Barra da Tijuca. Telefone: (21) 97626-5726.

**Capricciosa** - Na pizzeria, os fãs de morango podem encontrá-los na sobremesa Mille Foglie (R\$ 39). Um mil folhas com creme, morango fresco e calda de frutas vermelhas. Endereço: Rua Maria Angélica, 37 - Jardim Botânico. Telefone: (21) 2527-2656

**IT Ristorante** - Uma das sobremesas da casa é a Meringata Alla Fragola (R\$ 36), com brigadeiro branco, com compota de morango, suspiros e gelato de baunilha. Endereço: Shopping Leblon - Av. Afrânio de Melo Franco, 290 - 4º Piso - Leblon. WhatsApp: (21) 99947-6534.

**Que Doce!** - Na cafeteria, na Urca, o cliente pode encontrar algumas sugestões de doces com morango como: a Surpresa de Morango (R\$ 14), com morangos fresquinhos, brigadeiro branco cremoso e chocolate belga crocante pra finalizar e o Bolo Frescor de Morango (a partir de R\$185), um bolo com massa de baunilha bem úmida e recheio de brigadeiro branco com geleia de morango misturados na mesma camada. Endereço: Rua Odilio Bacelar, 30 -Urca. Telefone: (21) 98754-4648.

**Ráscal** - No cardápio de sobremesas da casa os apaixonados por morango podem encontrar duas sugestões com a fruta: a Meringada (R\$42) com sorvete de creme, suspiro, creme de confeitiro, morango, framboesa e chantilly e a Cheesecake de Morango com calda de frutas vermelhas (R\$ 24). Endereço: Av. Afrânio de Melo Franco, 290 - Leblon. Telefone.: 2259-6437.

**Suburbanos Pizza** - Para quem é fã da combinação do azedinho do morango com o doce do chocolate, a rede com redondas inspiradas no estilo nova-iorquino, tem suas apostas. Entre os sabores estão: a Chocolate ao Leite com Morango (a partir de R\$ 50) com creme de leite, chocolate ao leite triturado e morangos, a Chocolate Branco com Morango (a partir de R\$ 60) com creme de leite, chocolate branco triturado e morango e Nutella com Morango (a partir de R\$ 62) com creme de leite, Nutella e morango. Os pedidos estão disponíveis por delivery e podem ser feitos pelo Ifood, pela app próprio da marca (Suburbanos) ou pela central de atendimento 0800 5130 800.

Tomás Vélez/Divulgação



IT Ristorante

## Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra  
uma liderança imbatível de mercado tem que  
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une  
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.



**PROTEL**

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.